

Estudo Health Behaviour in School-aged Children (HBSC/OMS) Internacional - 2018

O HBSC/OMS (Health Behaviour in School-aged Children) é um estudo realizado em colaboração com a Organização Mundial de Saúde, que conta com a participação de 45 países.

Em Portugal (<http://www.hbsc.org/membership/countries/portugal.html>), o primeiro estudo foi realizado em 1998, seguindo-se os de 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018 (Matos, et al., 2000-2018, disponíveis em: www.aventurasocial.com), de acordo com o protocolo de aplicação do questionário Health Behaviour in School-aged Children (HBSC).

Coordenação Nacional: Margarida Gaspar de Matos (PI em Portugal)

Tania Gaspar (Deputy-PI em Portugal)

Equipa HBSC/Portugal em 2020: Margarida Gaspar de Matos; Gina Tomé; Fábio Botelho Guedes; Cátia Branquinho; Susana Gaspar; Marta Reis; Lúcia Ramiro; Ana Cerqueira; Nuno Loureiro; Marina Carvalho; Inês Camacho; Carlos Ferreira; Adilson Marques; Celeste Simões & Tania Gaspar.

Colaborações: Equipa Aventura Social, (www.aventurasocial.com), Universidade de Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana (FMH) & Instituto de Saúde Ambiental (ISAMB); (www.fmh.ulisboa.pt; <http://isamb.medicina.ulisboa.pt/en/home>); Universidade Lusíada de Lisboa (www.lis.ulusiada.pt); Instituto Politécnico de Beja (www.ipbeja.pt); Ordem dos Psicólogos Portugueses/Promotion and Prevention/EFPA (www.ordemdospsicologos.pt; www.efpa.eu)

Estudo HBSC/OMS - Internacional e Portugal

Em 2018 o estudo Health Behaviour in School-aged Children (HBSC/OMS) integrou 45 países (Inchley et al., 2020). O HBSC/OMS estuda os comportamentos e a saúde dos adolescentes nos seus contextos de vida. É realizado em Portugal desde 1998 e internacionalmente desde 1983. De 4 em 4 anos inclui amostras representativas de alunos de 11, 13 e 15 anos (www.hbsc.org). Em Portugal inclui alunos do 6º, 8º, 10º e 12º anos.

No estudo internacional apenas os adolescentes de 11, 13 e 15 anos (± 6 meses) foram incluídos (www.aventurasocial.com).

Nesta análise apresenta-se a posição dos adolescentes portugueses face à média dos outros países participantes do estudo, por género, por faixa etária (11, 13 e 15 anos) e por nível socioeconómico da família, avaliado pelo FAS – *Family Affluence Scale* (ESE/FAS) (ver em www.hbsc.org e www.aventurasocial.com).

Refere-se a respostas de 227 441 adolescentes de 11, 13 e 15 anos de 45 países/regiões que participaram no estudo de 2017/2018 do HBSC/OMS (Inchley et al., 2020).

Esta base internacional incluiu 5839 jovens portugueses, dos quais 3065 são do género feminino (52,5%)

Estrutura sociofamiliar em Portugal

Analisando o nível médio de riqueza das famílias portuguesas, Portugal encontra-se na 22ª posição, nos 45 países participantes no estudo HBSC.

A maioria dos pais estão empregados (94,6%), 1,5% dos pais e 3,5% das mães não têm um emprego, existindo 0,4% de jovens que têm ambos os pais desempregados.

Portugal apresenta um nível de desemprego nas mães (3,5%) superior à média dos 45 países incluídos (2,9%). A frequência de pais e mães empregados (94,6%) é inferior à média europeia (95,3%).

No estudo em Portugal, os jovens referem ser na sua maioria de origem portuguesa (74,8%). Existem 19,5% dos jovens em que pelo menos um dos seus pais nasceu fora de Portugal.

Relativamente à estrutura familiar, 69,8% vive com os pais na mesma casa. Dos que não vivem com ambos os pais, 17,8% vive numa família monoparental e 12,4% noutra tipo de estruturas familiares.

As más notícias crónicas:

- É fraca a prática da atividade física, fraca em si (poucos adolescentes cumprem o recomendado), e fraca em comparação à média europeia. Os resultados são maus desde 1998, a pedir ação urgente na escola, na comunidade e na família.
- É fraco o gosto pela escola, fraco em si e fraco na comparação com os restantes países. Os resultados são maus desde 1998, a pedir ação urgente na escola, na comunidade e na família (aproveitar o desafio do COVID-19 para produzir mudanças?).
- É elevada a pressão com os trabalhos da escola, sobretudo nos mais velhos e nas raparigas, que também põe Portugal nos piores lugares, desde 1998.

As boas notícias:

- O comportamento alimentar continua em geral melhor que a média europeia, e também melhorou em geral a nível nacional.
- Com o padrão alimentar a melhorar, urge associar a alimentação na escola a uma alimentação com apresentação e sabor aceitáveis (a qualidade está garantida, mas não a apresentação e o sabor de acordo com os adolescentes portugueses).
- O consumo de cannabis está a descer, sendo atualmente menor que a média europeia.

O que se mantém:

- A obesidade e o excesso de peso estabilizados na adolescência.
- A qualidade da comunicação com o pai e a mãe, com diferenças de padrão nos rapazes e nas raparigas.

Os desafios:

- 80,3% dos alunos sente-se sempre ou quase sempre seguros na escola.
- Os acidentes e lesões são menos frequentes que a média europeia nas raparigas mais novas e são mais frequentes nas raparigas mais velhas. São mais frequentes que a média europeia nos rapazes mais novos e menos frequentes nos rapazes mais velhos. Isto sugere um padrão de desenvolvimento diferente nos acidentes e lesões em rapazes e raparigas em Portugal em comparação com os outros países, a merecer atenção.
- As lesões e os acidentes têm vindo a aumentar sobretudo nas raparigas no escalão etário intermédio (13 anos) e nos rapazes mais novos.
- O cyberbullying é inferior à média europeia. Tem tendência a subir dos 11 para os 13 anos e descer dos 13 para os 15 anos.
- As lutas diminuíram nos mais velhos e nas raparigas, sendo menos frequentes face à média europeia. Aumentaram nos mais novos, sendo nesta idade mais frequentes do que na média europeia.
- Elevado uso de comunicação *online* sobretudo nas raparigas mais velhas.
- O álcool apresenta uma tendência de subida, mas a embriaguez está a descer.
- Os adolescentes Portugueses referem um apoio social por parte dos colegas da escola superior à média europeia (sobretudo os rapazes), e um apoio social menor por parte dos professores (sobretudo as raparigas). Os rapazes aqui duplamente beneficiados e em comparação com a Europa, referindo maior apoio social pelos colegas e professores.
- Os adolescentes portugueses referem um apoio social na família e dos amigos, superior à média europeia.
- Em termos comparativos os resultados do apoio social entre pares sugerem que as raparigas recebem mais apoio social por parte dos amigos e os rapazes por parte dos colegas da escola.
- Baixou a perceção de boa saúde nos adolescentes de 11 anos em Portugal, descida esta que não aconteceu na média dos outros países. Em 2018 os adolescentes portugueses de 11 anos estão abaixo da média europeia.
- A satisfação com a vida subiu desde 2014 e mantém-se na média europeia.
- Apresentar 2 ou mais sintomas físicos ou psicológicos é mais frequente em 2018 que em 2014, mas inferior à média europeia.
- Em 2018 de um modo geral, são mais frequentes as dificuldades em adormecer, tristeza, nervosismo, irritação e dores de costas, mas mesmo assim inferiores à média europeia.
- Em 2018, em geral são menos frequentes as dores de cabeça e dores de costas, e inferiores à média europeia. Menor frequência de tonturas em relação à média europeia, valor mantido em 2018 em Portugal.

A saúde e o bem-estar dos adolescentes: “Spotlight” da situação de Portugal

(in relatório Internacional HBSC de 2018, Inchley et al., 2020)

Atividade física

Atividade física vigorosa (AFV) duas ou mais horas por semana

- Os jovens portugueses apresentam os menores índices de prática de atividade física vigorosa (AFV) dos países que participam no estudo HBSC (11 anos - 44%; 13 anos - 44%; 15 anos - 42%).
- Os rapazes apresentam maiores níveis de prática de AFV que as raparigas (11 anos: M - 48% | F - 33% ; 13 anos: M - 38% | F - 20%; 15 anos: M - 37% | F - 16%).
- Comparando com o estudo anterior (2014) verifica-se que existe uma diminuição da prática em todas as idades e por género, com destaque para os rapazes de 13 anos que diminuíram a prática em 14%.

Atividade física vigorosa (AFV) duas ou mais horas por semana e nível socioeconómico (ESE/FAS)

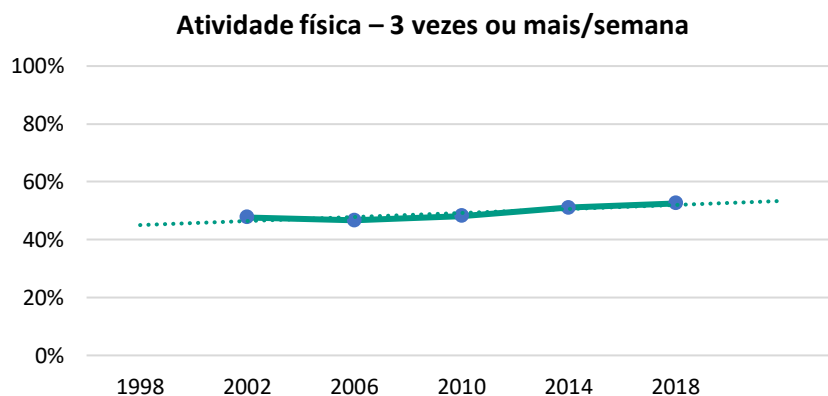
- Os jovens de nível socioeconómico mais elevado apresentam valores mais elevados.

Atividade física moderada a vigorosa (AFMV) diariamente durante pelo menos 60 min

- Os valores são dos mais baixos entre os países do estudo HBSC em todas as faixas etárias (11 anos - 44%, 13 e 15 anos - 43%).
- Os jovens de 11 anos ocupam o penúltimo lugar da lista, distantes da média europeia do estudo HBSC (M - 27% | F - 21%).
- Em todos os grupos são os rapazes que mais praticam (11 anos: M - 16% | F - 9%; 13 anos: M - 14% | F - 7%; 15 anos: M - 12% | F - 5%).
- Em relação ao estudo HBSC de 2014, verifica-se uma descida dos valores de prática (com exceção das raparigas de 15 anos, cujo resultado foi igual) com realce para a diminuição de 11% nos rapazes de 13 anos.

Atividade física moderada a vigorosa (AFMV) diariamente durante pelo menos 60 min e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- São os jovens de ambos os géneros do nível mais elevado que apresentam maiores índices de prática.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

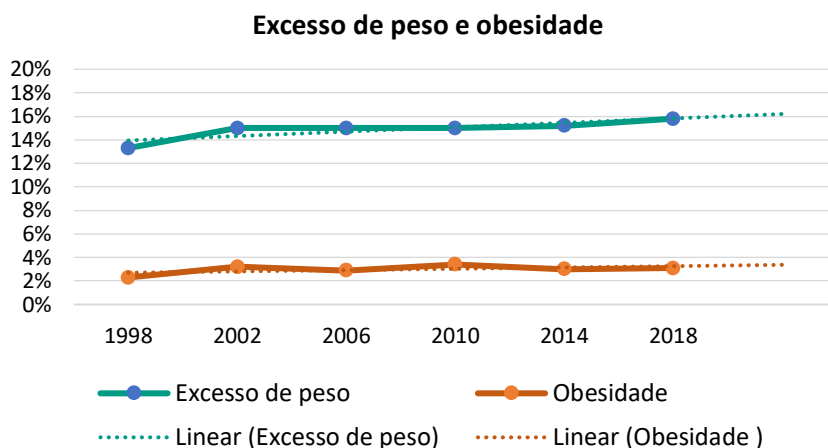
Excesso de peso

Excesso de peso ou obesidade

- Os jovens portugueses apresentam valores mais elevados no que se refere ao excesso de peso e obesidade comparativamente à média dos restantes países do estudo HBSC (11 e 15 anos - 8º; 13 anos - 12º).
- No grupo de 11 e 13 anos são os rapazes que apresentam maiores valores (11 anos: M - 33% | F - 22%; 13 anos: M - 26% | F - 23%) enquanto no grupo de 15 anos os resultados são iguais entre os géneros (15 anos: M - 22% | F - 22%).
- Quando comparados com o estudo de 2014, os dados atuais sugerem um ligeiro aumento dos valores no grupo de 11 e de 15 anos e, no grupo de 13 anos, regista-se uma ligeira diminuição em ambos os géneros.

Excesso de peso ou obesidade e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Em ambos os géneros são os jovens de nível socioeconómico baixo que apresentam os maiores valores de excesso de peso (baixo: M - 29% | F - 28%; elevado: M - 20% | F - 18%).



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

Imagem corporal

- A imagem corporal dos adolescentes comparativamente aos restantes países do estudo HBSC varia com a idade (11anos - 14º; 13 anos - 27º; 15 anos - 19º).
- São as raparigas das faixas etárias de 13 e 15 anos que se consideram mais “gordas” (13 anos: M - 24% | F - 32%; 15 anos: M - 24% | F - 38%) e não se verificam diferenças entre os mais novos.
- Verifica-se uma diminuição dos valores em ambos os géneros e em todas as faixas etárias (com exceção nas raparigas de 11 anos) quando comparados com os resultados do estudo de 2014.

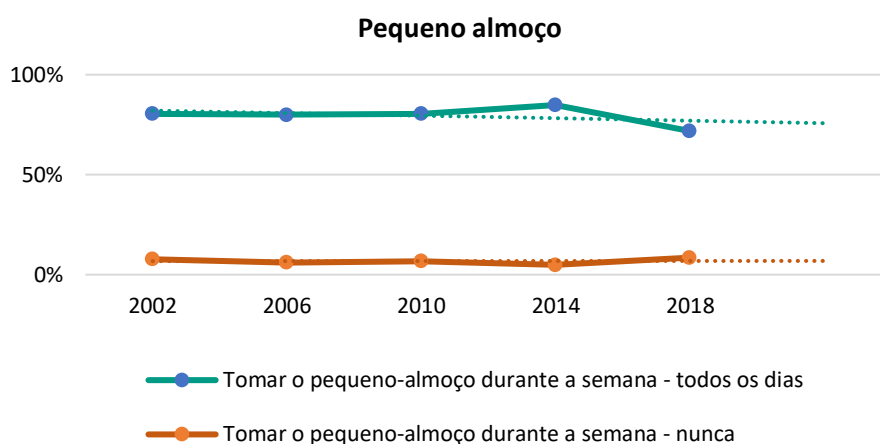
Imagem corporal e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- São os jovens de nível socioeconómico mais baixo que apresentam os valores mais elevados de insatisfação corporal.

Comportamento alimentar

Tomar o pequeno-almoço

- Os jovens portugueses são dos que mais tomam pequeno-almoço (PA) todos os dias quando comparados com os dos outros países do estudo HBSC (11 anos - 3º; 13 e 15 anos - 2º).
- São os rapazes em todas as faixas etárias que mais referem tomar o pequeno almoço todos os dias, diminuindo, em ambos os géneros, à medida que crescem (13 anos: M - 81% | F - 77%; 15 anos: M - 79% | F - 67%; 15 anos: M - 75% | F - 63%).
- Há uma redução em ambos os géneros e grupos etários quando comparados com os valores do estudo de 2014.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

Tomar o pequeno-almoço e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Nos valores do comportamento de tomar o pequeno-almoço e o nível socioeconómico das famílias Portugal ocupa o 22º lugar entre os países do estudo HBSC.
- Em ambos os estratos socioeconómicos familiares são os rapazes que apresentam os valores mais elevados e em ambos os géneros são os jovens de nível mais elevado que reportam os indicadores mais altos.

Comer em família todos os dias

- Relativamente a comer em família todos os dias os jovens portugueses apresentam valores elevados e comparação com a média europeia HBSC (11 e 13 anos - 5º; 15 anos - 6º).
- São as raparigas que apresentam os valores ligeiramente mais elevados em todas as faixas etárias (11 anos: M - 71% | F - 73%; 15 anos: M - 69% | F - 71%; 15 anos: M - 66% | F - 71%).

Comer em família e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- São as raparigas e os jovens com nível socioeconómico mais elevado que mais referem comer em família todos os dias.

Consumo diário de fruta

- Os jovens portugueses apresentam valores elevados de consumo de fruta, quando comparados com os dos outros países do estudo HBSC (11 e 15 anos - 7º; 13 anos - 6º).
- São as raparigas que apresentam os valores mais elevados em todas as faixas etárias (sendo significativas no grupo de 11 anos), contudo essas diferenças vão-se esbatendo nas faixas etárias mais velhas (11 anos: M - 50% | F - 57%; 15 anos: M - 42% | F - 47%; 15 anos: M - 40% | F - 41%).
- Quando comparados com os dados de 2014 verifica-se um aumento de consumo de fruta em ambos os géneros e por faixa etária, sendo que o consumo mais elevado se registou no grupo de jovens de 11 anos.

Consumo diário de fruta e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- São os adolescentes com o maior nível socioeconómico que apresentam o maior consumo de fruta.

Consumo diário de vegetais

- No que se refere ao consumo de vegetais, os jovens portugueses situam-se abaixo da média de valores dos países do estudo HBSC em todas as faixas etárias e género (com exceção dos rapazes de 11 anos) , ocupando o 25º lugar no grupo de 11 anos e o 35º lugar no grupo de 13 e 15 anos.
- São as raparigas em todas as faixas que apresentam os valores mais elevados de consumo de vegetais e vai-se acentuando esta diferença ao longo do crescimento (11 anos: M - 38% | F - 40%; 15 anos: M - 31% | F - 33%; 15 anos: M - 26% | F - 32%).
- Quando comparamos com o estudo de 2014 verifica-se que o consumo de vegetais aumentou em todas as faixas etárias e género.

Consumo diário de vegetais e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- São os jovens de escalão socioeconómico alto e as raparigas que apresentam os valores mais elevados.

Consumo diário de doces

- No caso do consumo diário de doces, os jovens portugueses apresentam valores baixos quando comparados com os outros países participantes (11 anos - 39º; 13 e 15 anos - 38º).
- Com exceção dos grupos mais novos, são as raparigas que apresentam valores ligeiramente mais elevados quando comparados com os rapazes (11 anos: M - 13% | F - 11%; 15 anos: M - 16% | F - 17%; 15 anos: M - 15% | F - 17%).
- Tendo como comparação os dados do estudo anterior (2014), verifica-se que em geral se verificou uma diminuição do consumo em 2018.

Consumo de doces e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Não existem diferenças no caso dos rapazes dos diferentes níveis socioeconómicos, nas raparigas são as de nível mais baixo que apresentam os níveis mais elevados de consumo de doces.

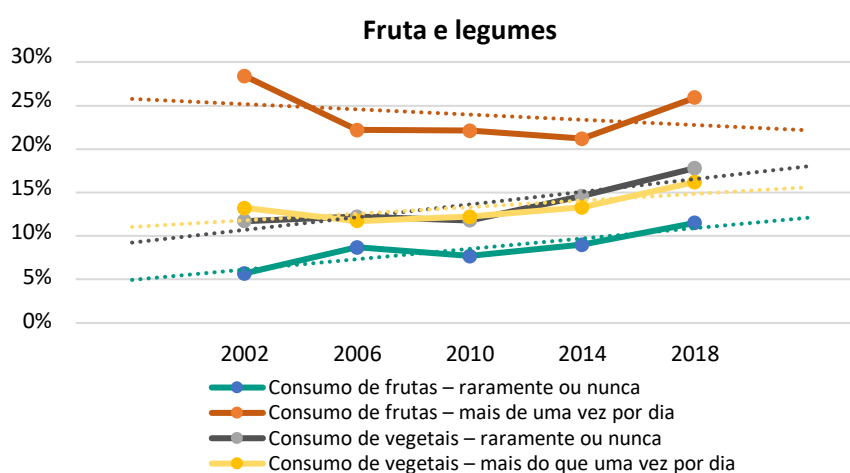
Consumo diário de refrigerantes

- Quanto aos valores de consumo diário de refrigerantes verifica-se em ambos os géneros e em todas as faixas etárias, que estão na média dos valores apresentados pelos países do estudo HBSC (11 anos - 26º; 13 e 15 anos - 24º).

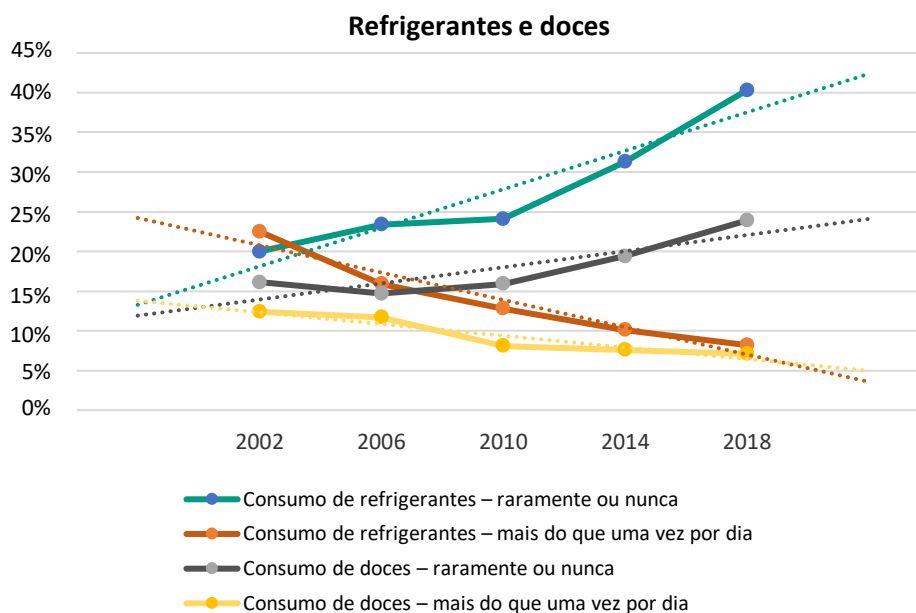
- São os rapazes que apresentam os valores ligeiramente mais elevados e que se mantêm estáveis ao longo do crescimento (11 anos: M - 13% | F - 11%; 13 anos: M - 16% | F - 17%; 15 anos: M - 15% | F - 17%).
- Quando se analisam os dados do estudo de 2014 verifica-se em geral uma diminuição de consumo tanto no que se refere ao género como às diferentes faixas etárias.

Consumo diário de refrigerantes e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- São as raparigas de nível socioeconómico mais baixo que mais consomem refrigerantes diariamente.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

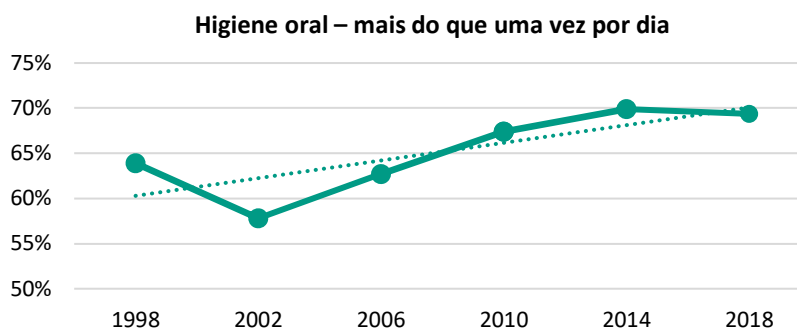
Lavar os dentes (mais de 1 vez ao dia)

- Os valores referidos pelos adolescentes portugueses situam-se na parte superior da tabela dos participantes do estudo HBSC (11 anos - 19º; 13 anos - 20º; 15 anos - 16º).

- São as raparigas que mais referem lavar os dentes, sendo que esta diferença se acentua na faixa etária dos 15 anos (11 anos: M - 60% | F - 77%; 13 anos: M - 60% | F - 76%; 15 anos: M - 61% | F - 82%).
- Quando comparados com o estudo de 2014 verifica-se um aumento em todas as faixas etárias no género feminino (exceto no grupo de 15 anos) e no caso dos rapazes verifica-se uma diminuição em todas as faixas etárias.

Lavar os dentes e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Em ambos os géneros são os jovens de nível mais elevado que mais referem lavar os dentes.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

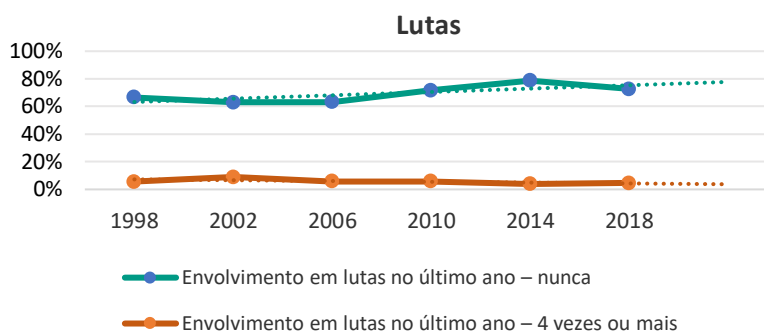
Violência

Envolvimento em Lutas

- Os resultados obtidos em 2018 mostram uma diminuição das situações de violência física com a idade no caso dos rapazes (de 14% para 12% e para 7%, em função do aumento da idade).
- No caso das raparigas, verifica-se um aumento do envolvimento em situações de violência dos 11 para os 13 anos (3 para 5%), com uma diminuição dos 13 para os 15 anos (5 para 2%).
- A análise da evolução do envolvimento em situações de violência física, entre 2014 e 2018, demonstra um padrão dependente do género.
- No caso dos rapazes, verificou-se um aumento da percentagem de situações de violência física nos mais jovens (de 11 para 14 e de 9 para 12%, no caso dos jovens com 11 e 13 anos, respetivamente) e uma tendência para uma diminuição nos mais velhos (com 15 anos, de 8 para 7%);
- No caso das raparigas, a percentagem de situações de violência física nos dois momentos de avaliação (2018 e 2014) manteve-se estável aos 11 e 15 anos (3 e 2%, respetivamente); no entanto, em 2018, a percentagem de raparigas com 13 anos envolvidas em situações de violência física foi superior à obtida em 2014.
- Por comparação aos valores obtidos em toda a Europa, os resultados obtidos em 2018 estão abaixo da média europeia no caso das raparigas e dos rapazes com 15 anos.
- No caso dos rapazes com 11 e 13 anos, a percentagem de situações de violência física em 2018 está acima da média Europeia e foi superior aos resultados obtidos em 2014.

Envolvimento em lutas e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Quando considerados dois grupos, em função do género e ESE, os resultados obtidos em 2018 mostram uma diferença significativa no caso das raparigas com ESE baixo, que apresentam uma menor percentagem de envolvimento em situações de violência por comparação com as raparigas do grupo de ESE alto e valores semelhantes no caso dos rapazes, independentemente do ESE.
- Independentemente destas diferenças, as percentagens obtidas para rapazes e raparigas situam-se abaixo da média dos rapazes e raparigas, dos restantes países.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

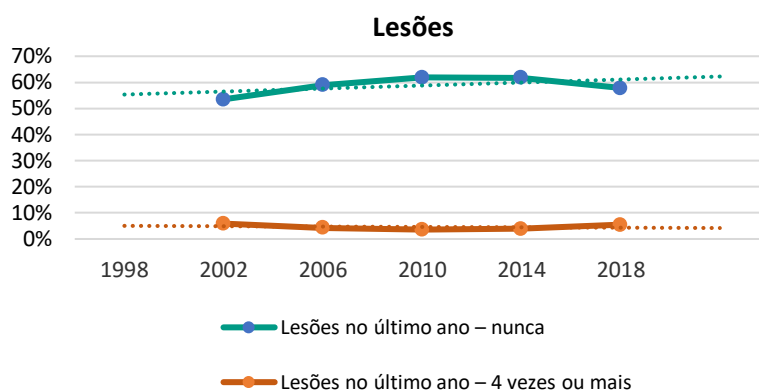
Cyberbullying

- Os resultados obtidos em 2018 evidenciam um aumento do cyberbullying como cibervítimas dos 11 para os 13 anos (5.1 para 8.9% no caso dos rapazes e 6 para 10.1% no caso das raparigas) e uma tendência para uma diminuição dos 13 para os 15 anos (de 8.9 para 8.1% nos rapazes e de 10.1 para 9% nas raparigas).
- Quando considerados dois grupos, em função do género e do estatuto socioeconómico (ESE), os resultados mostram valores semelhantes independentemente do ESE.
- Os resultados relativos ao envolvimento em situações de cyberbullying como cibervítimas mostraram não depender do género, apresentando um padrão semelhante para rapazes e raparigas.
- Por comparação aos valores obtidos em toda a Europa, os resultados obtidos estão abaixo da média europeia (para o total da amostra e para cada um dos géneros) e colocam Portugal entre o 34^a (aos 13 anos) e o 42^a lugar (aos 11 anos) entre os 45 países que foram avaliados.
- Mesmo considerando o ESE, a percentagem obtida mantém-se abaixo da média dos países Europeus, para o total da amostra e tendo em consideração ambos os géneros.

Acidentes e lesões

- Relativamente à média europeia, em 2018, a ocorrência de acidentes e lesões nas raparigas portuguesas está abaixo da média europeia para a faixa etária dos 11 anos (29% face a 40% da média europeia), e acima da média europeia para as dos 15 anos (42% face a 38% da média europeia), sendo igual para a faixa etária dos 13 anos (40%).

- Já os rapazes, de 11 e 13 anos tiveram mais acidentes e lesões (52% e 50% respetivamente) do que a média europeia (49%), sendo exceção os rapazes portugueses de 15 anos que se encontram 1% abaixo da média europeia que se situa nos 45%.
- A ocorrência de acidentes e lesões nos rapazes portugueses com ESE alto é 1% acima da média europeia do mesmo grupo (54%). Já os rapazes portugueses com ESE baixo mantêm-se alinhados com a média europeia para o mesmo intervalo (43%).
- Quando analisada a ocorrência de acidentes e lesões relativamente ao ESE, as raparigas portuguesas tanto do ESE baixo (32%) como do ESE alto (41%) tiveram menos lesões do que a média das raparigas europeias do nível ESE equivalente (35% e 45%, respetivamente).
- Face a 2014, assistimos a um aumento da ocorrência de acidentes e lesões em 2018 entre rapazes e raparigas portuguesas de todas as idades, sendo esse aumento mais expressivo nas raparigas de 13 anos com um aumento de 9% e nos rapazes de 11 anos, com um aumento de 8%.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

Suporte social

Suporte social familiar

- Aos 11 anos as diferenças entre géneros não são significativas, com tendência para que os rapazes (89%) tenham perceção de suporte familiar mais elevada do que as raparigas (88%).
- Comparando com 2014 a perceção de suporte familiar aumentou entre 2014 e 2018. Em 2014 os rapazes (82%) tinham menor perceção de suporte familiar do que as raparigas (83%).
- Em 2018 ambos os géneros estavam acima da média europeia (rapazes 79%; raparigas 79%), a mesma tendência se verificou em 2014 (rapazes 79%; raparigas 80%).
- Aos 13 anos são os rapazes (81%) que têm melhor perceção de suporte da família do que as raparigas (76%).
- Entre 2014 e 2018 a perceção de suporte da família aumentou em ambos os géneros. Também em 2014 os rapazes (74%) tinham melhor perceção de suporte da família do que as raparigas (69%).

- Em 2018 ambos os géneros estavam acima da média europeia (rapazes 73%; raparigas 70%), enquanto em 2014 mantinham valores semelhantes à média europeia (rapazes 72%; raparigas 69%).
- Entre 2014 e 2018 a perceção de suporte da família aumentou em ambos os géneros. Em 2014 a percentagem de perceção de suporte familiar elevado foi semelhante em ambos os géneros (rapazes 66%; raparigas 66%).
- Em 2018 ambos os géneros tinham valores acima da média europeia (rapazes 67%; raparigas 64%).
- Em 2014 os valores dos jovens estavam próximos aos da média europeia (rapazes 67%; raparigas 64%).

Suporte social familiar e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Para as diferenças entre o ESE baixo e ESE elevado, observa-se que os rapazes com ESE elevado têm melhor perceção de suporte familiar (84%) do que os rapazes com ESE baixo (78%).
- Para as raparigas observa-se a mesma tendência, as raparigas com ESE elevado têm melhor perceção de suporte da família (81%) do que as com ESE baixo (74%).
- Tanto os rapazes como as raparigas se mantêm acima da média europeia (rapaz ESE baixo 68%; rapaz ESE elevado 76%; raparigas ESE baixo 66%; raparigas ESE elevado 75%).

Suporte social dos amigos

- Em 2018 e aos 11 anos, as raparigas (72%) têm melhor perceção de suporte social dos amigos do que os rapazes (63%).
- Ambos os géneros se mantem acima da média europeia (rapaz 57%; raparigas 66%).
- Entre 2014 e 2018 a perceção do suporte dos amigos manteve-se entre os géneros, verificando-se apenas um pequeno aumento entre os rapazes (rapazes 59%; raparigas 72%).
- Em 2014 ambos os géneros se mantinham ligeiramente acima da média europeia (rapazes 58%; raparigas 70%).
- Aos 13 anos são as raparigas (69%; rapazes 54%) que têm melhor perceção de suporte dos amigos. Relativamente à média europeia, os rapazes mantêm-se dentro da média (54%), enquanto as raparigas estão ligeiramente acima da média (66%).
- Entre 2014 e 2018 a perceção de suporte dos amigos manteve-se em ambos os géneros (rapazes 53%; raparigas 69%). Ambos os géneros mantêm valores dentro da média europeia (rapazes 55%; raparigas 69%).
- Em 2018 aos 15 anos, as raparigas (71%) têm melhor perceção do suporte dos amigos do que os rapazes (61%). Ambos os géneros estão acima da média europeia (rapaz 55%; rapariga 65%).
- Entre 2014 e 2018 a perceção de suporte dos amigos aumentou entre os rapazes e diminuiu ligeiramente entre as raparigas. As raparigas (75%) têm melhor perceção de suporte dos amigos do que os rapazes (55%).
- As raparigas apresentavam em 2014 valores acima da média europeia (68%), enquanto os rapazes tinham valores semelhantes à média (56%).

Suporte social dos amigos e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Relativamente às diferenças entre ESE baixo e ESE elevado, as diferenças entre os rapazes não são significativas, no entanto verifica-se a tendência de rapazes com ESE elevado terem melhor perceção de

suporte dos amigos (62%) do que os rapazes com ESE baixo (56%). Para as raparigas, as diferenças são significativas, sendo que as raparigas com ESE elevado (77%) têm melhor percepção de suporte social dos amigos do que as raparigas com ESE baixo (64%).

- Ambos os géneros se encontram acima da média europeia (rapaz ESE baixo 51%; rapaz ESE elevado 60%; rapariga ESE baixo 62%; rapariga ESE elevado 69%).

Facilidade a falar com a mãe

- Em 2018 e aos 11 anos no que diz respeito à facilidade de falar com a mãe, as diferenças entre os géneros não são significativas (rapazes 96%; raparigas 95%). Ambos os géneros têm valores acima da média europeia (rapaz 91%; raparigas 91%).
- Entre 2014 e 2018 os jovens consideram mais fácil falar com a mãe. Em 2014, à semelhança de 2018, os rapazes (92%) consideravam ligeiramente mais fácil falar com a mãe do que as raparigas (91%). Ambos os géneros mantinham valores acima da média europeia (rapazes 90%; raparigas 89%).
- Aos 13 anos os valores continuam a não ser significativos, mantendo a tendência dos rapazes (88%) para considerarem mais fácil falar com a mãe do que as raparigas (85%).
- Ambos os géneros se situam acima da média europeia (rapazes 87%; raparigas 83%).
- Entre 2014 e 2018 os valores entre os jovens que consideram fácil falar com a mãe mantiveram-se. Em 2014 mantem-se a tendência dos rapazes (88%) considerarem mais fácil falar com a mãe do que as raparigas (83%).
- Ambos os géneros se encontram acima da média europeia (rapazes 85%; raparigas 82%).
- Aos 15 anos os valores continuam a não ser significativos, mantendo a tendência para os rapazes (83%) considerarem ligeiramente mais fácil falar com a mãe do que as raparigas (81%). Ambos os géneros se encontram acima da média europeia (rapaz 82%; rapariga 79%).
- Entre 2014 e 2018 os valores aumentaram ligeiramente. Em 2014 a tendência dos rapazes considerarem mais fácil falar com a mãe manteve-se (rapaz 80%; rapariga 79%). Ambos os géneros mantêm valores semelhantes à média europeia (rapazes 80%; raparigas 78%).

Facilidade em falar com a mãe e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- As diferenças entre os rapazes não são significativas, no entanto, verifica-se uma tendência para os rapazes com ESE elevado (91%) falarem mais facilmente com a mãe do que os rapazes com ESE baixo (89%). Entre as raparigas, são as que possuem ESE elevado (90%) que falam mais facilmente com a mãe do que as que têm ESE baixo (83%). Ambos os géneros têm valores acima da média europeia (rapazes ESE baixo 85%; rapazes ESE elevado 88%; raparigas ESE baixo 81%; raparigas ESE elevado 86%).

Facilidade em falar com o pai

- Aos 11 anos e em 2018, os rapazes (89%) falam mais facilmente com o pai do que as raparigas (83%). Ambos os géneros têm valores acima da média europeia (rapaz 84%; raparigas 76%). Entre 2014 e 2018 aumentaram os jovens que consideram mais fácil falar com o pai. Em 2014 os rapazes (86%) consideravam

mais fácil falar com o pai do que as raparigas (73%). Para a média europeia, os rapazes encontram-se acima (83%), enquanto as raparigas mantêm valores semelhantes (73%).

- Aos 13 anos, continuam a ser os rapazes (81%) a considerar falar mais facilmente com o pai do que as raparigas (64%). Ambos os géneros mantêm valores semelhantes à média europeia (rapaz 80%; raparigas 64%).
- Entre 2014 e 2018 os valores entre os jovens que consideram fácil falar com o pai aumentaram. Em 2014 mantem-se a tendência dos rapazes (78%) considerarem mais fácil falar com o pai do que as raparigas (58%).
- Ambos os géneros se encontram ligeiramente abaixo da média europeia (rapazes 79%; raparigas 60%).
- Aos 15 anos continuam a ser os rapazes (72%) que consideram mais fácil falar com o pai do que as raparigas (54%).
- Ambos os géneros se encontram abaixo da média europeia (rapaz 74%; rapariga 57%).
- Entre 2014 e 2018 os valores aumentaram ligeiramente. Em 2014 a tendência dos rapazes considerarem mais fácil falar com o pai mantem-se (rapaz 71%; rapariga 49%). Ambos os géneros mantêm valores abaixo da média europeia (rapazes 73%; raparigas 54%).

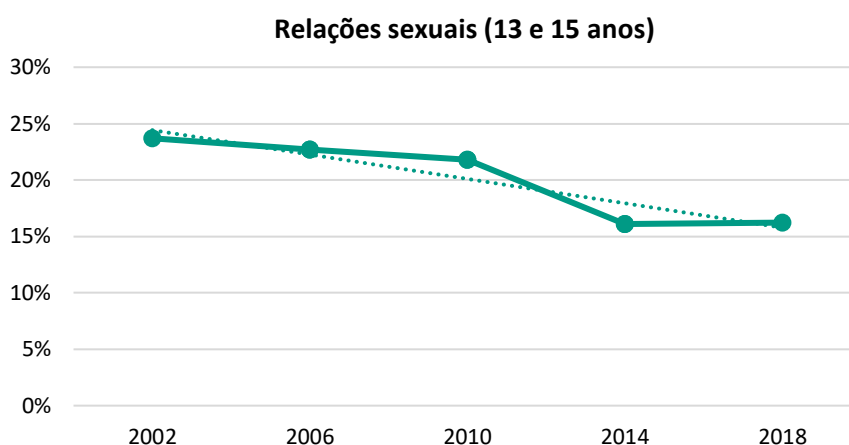
Facilidade em falar com o pai e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- As diferenças entre os rapazes não são significativas, no entanto, verifica-se uma tendência para os rapazes com ESE elevado (85%) falarem mais facilmente com o pai do que os rapazes com ESE baixo (80%).
- Entre as raparigas, são as que possuem ESE elevado (70%) que falam mais facilmente com o pai do que as que têm ESE baixo (61%).
- Os rapazes mantêm valores acima da média europeia (rapazes ESE baixo 76%; rapazes ESE elevado 82%), enquanto as raparigas possuem valores dentro da média (raparigas ESE baixo 61%; raparigas ESE elevado 70%).

Comportamento sexual e saúde sexual (só adolescentes de 15 anos)

- Em 2018 no que diz respeito à percentagem de adolescentes que refere ter tido relações sexuais até aos 15 anos, Portugal (18,5%) está na média europeia (19%).
- Relativamente à percentagem do uso do preservativo (68%) e da pílula (34%) na última relação sexual, está acima da média europeia (preservativo 61%; pílula 26%).
- Em 2014 no que diz respeito a ter tido relações sexuais até aos 15 anos, Portugal (19,5%) estava abaixo da média europeia (21%), ambos desceram, mas nos restantes países de modo mais acentuado.
- Quanto ao uso do preservativo (74%) e da pílula (35%) na última relação sexual, o seu uso em Portugal estava acima da média europeia (preservativo 62%; pílula 29%).
- Relativamente a ter tido relações sexuais até aos 15 anos, em 2018 houve em Portugal diferenças estatisticamente significativas entre géneros (rapazes 22% ; raparigas 15%).

- Houve também diferenças entre géneros no estudo de 2014, havendo mais rapazes (26%) do que raparigas (13%), e sendo a média europeia 24% nos rapazes e 14% nas raparigas.
- Apesar de não haver diferenças estatisticamente significativas entre os estudos de 2014 e 2018, observa-se um ligeiro decréscimo de rapazes e um ligeiro aumento de raparigas a mencionar ter tido relações sexuais.
- Relativamente ao uso do preservativo na última relação sexual em 2018, a média europeia foi de 63,7% nos rapazes e 58,3% nas raparigas. Em Portugal a média foi de 68% para rapazes e raparigas.
- Quanto ao uso da pílula na última relação sexual em 2018, a média europeia foi de 26,9% nos rapazes e 25,2% nas raparigas.
- Em Portugal, a média foi de 42% para os rapazes e 25% para as raparigas, verificando-se diferenças estatisticamente significativas entre géneros no estudo de 2018.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

Comunicação *online*

- Na comunicação intensiva *online*, é evidente um uso mais intensivo por parte das raparigas de 13 e 15 anos, quando comparadas com os rapazes das mesmas idades (13 anos - raparigas = 45% e rapazes = 35%; 15 anos - raparigas = 51% e rapazes = 36%).
- Na preferência pela comunicação *online* para a partilha de segredos, sentimentos e preocupações, sobressaem os rapazes de 11 e 13 anos (11 anos - rapazes 16% e raparigas 8%; 13 anos - rapazes 17% e raparigas 14%) quando comparados com as raparigas, não existindo diferenças estatisticamente significativas entre géneros nos 15 anos, assim como na análise por nível ESE.
- No relato de impactos negativos das redes sociais verificam-se diferenças estatisticamente significativas nos 13 anos, apresentando as raparigas uma maior percentagem (rapazes 6%; raparigas 9%).

Comunicação *online* e o nível socioeconómico (ESE/FAS)

- No estudo do nível socioeconómico (ESE), destacam-se as raparigas de alto ESE (alto ESE 45%; baixo ESE 38%).
- Nos rapazes não são identificadas diferenças estatisticamente significativas no ESE.
- Na comunicação intensiva *online*, Portugal encontra-se acima da média europeia em todas as idades e géneros (exceto rapazes de 15 anos).
- Na análise de diferenças do ESE, Portugal encontra-se acima da média europeia nas raparigas, assim como nos rapazes de baixo ESE.
- Na forte preferência por comunicação *online* para partilha de segredos, sentimentos e preocupações, realçam-se os rapazes de 11 e 13 anos com maior média que a média europeia.
- Na comunicação *online* como forma preferencial para partilhar segredos, sentimentos e preocupações, os rapazes de baixo e alto ESE encontram-se acima da média europeia e as raparigas abaixo.
- Nos impactos negativos das redes sociais em aspetos das suas vidas, a média está abaixo dos demais países nos rapazes e raparigas de todas as idades (exceto raparigas de 13 anos que estão na média).
- No estudo do ESE, Portugal encontra-se dentro da média europeia nos rapazes, e abaixo nas raparigas.

Consumo de substâncias

Álcool

- O consumo de álcool dos adolescentes portugueses na faixa etária dos 11 anos situa-se abaixo da média comparativamente com os restantes países do HBSC com exceção do caso de embriaguez por duas ou mais vezes ao longo da vida, no qual se encontra dentro da média.
- Os rapazes e raparigas de 13 anos e as raparigas de 15 demonstram um consumo ligeiramente superior à média ao longo da vida e nos últimos 30 dias.
- 11% dos rapazes e 9% das raparigas de 15 anos reportaram ficar embriagados nos últimos 30 dias, sendo que a média dos restantes países é de 16% e 13%, respetivamente.
- Em relação à situação da embriaguez, a média portuguesa é inferior à média dos restantes países, com exceção dos rapazes e raparigas de 11 anos e das raparigas de 13 anos, cujos valores estão dentro da média (face a situações de embriaguez por duas ou mais vezes ao longo da vida).
- O valor com a diferença maior diz respeito às situações de embriaguez por duas ou mais vezes ao longo da vida nos adolescentes de 15 anos (14% rapazes e 13% raparigas, sendo que a média se situa nos 22% e 18%, respetivamente).
- Adolescentes com ESE baixo e elevado têm valores abaixo da média, com exceção das raparigas com ESE mais elevado, relativamente ao consumo de álcool em toda a vida (39% sendo a média de 36%) e nos últimos 30 dias (23% sendo a média de 20%). As diferenças mais substanciais encontram-se na questão relacionada com o consumo de álcool em toda a vida.

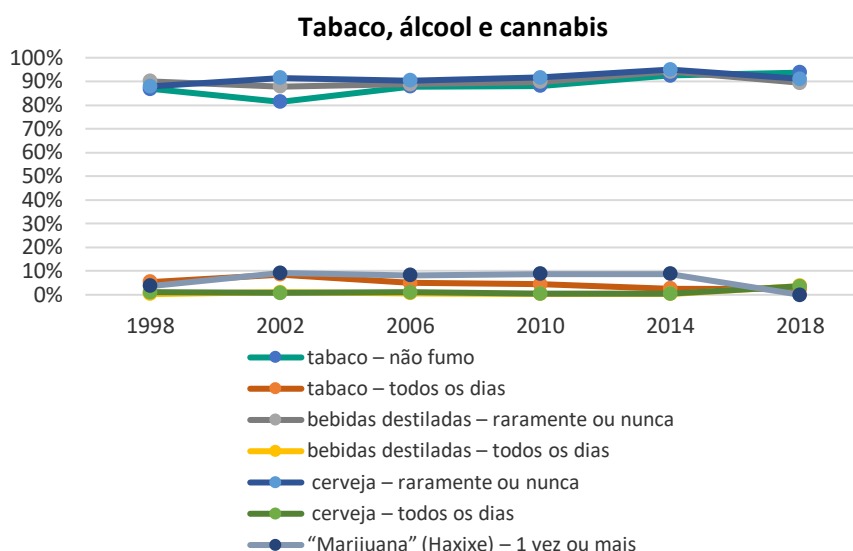
- De 2014 para 2018, o consumo de álcool ao longo da vida das raparigas de 11 e 13 anos e dos rapazes de 11, 13 e 15 anos sofreu um aumento e, por outro lado, manteve-se igual nas raparigas de 15 anos. A subida mais expressiva verifica-se nos rapazes de 13 anos, passando de 28% em 2014 para 35% em 2018 e nas raparigas da mesma idade, passando de 27% para 31%.
- Verificou-se um aumento no consumo de álcool nos últimos 30 dias, face a 2014, nos adolescentes dos 11 aos 15 anos, sendo o aumento mais significativo nas raparigas de 13 anos (9% para 16%) e 15 anos (27% para 38%).
- Verificou-se uma diminuição nas situações de embriaguez ao longo da vida (ficar bêbado 2 ou mais vezes) nos adolescentes de 15 anos, tendo os rapazes passado de 18% (2014) para 14% e as raparigas de 15% para 13%.

Tabaco

- O consumo de tabaco dos adolescentes portugueses encontra-se abaixo da média comparativamente com os restantes países do HBSC. Os valores mais expressivos podem ser observados nos rapazes de 15 anos (22% sendo a média de 29%) relativamente ao consumo ao longo da vida e nas raparigas de 15 anos no que diz respeito ao consumo nos últimos 30 dias (9% sendo a média de 15%).
- De acordo com o ESE no consumo ao longo da vida, os resultados dos rapazes e raparigas situam-se abaixo da média, nomeadamente nos rapazes com um ESE mais baixo (10% face a uma média de 16%) e, também, nas raparigas (8% face a uma média de 14%).
- De 2014 para 2018, de um modo geral, o consumo de tabaco dos adolescentes portugueses desceu.
- No que diz respeito ao consumo ao longo da vida, verificam-se diferenças significativas nas raparigas de 13 anos e 15 anos, passando de 14% para 8% e de 35% para 26%, respetivamente. O mesmo aconteceu com os rapazes de 15 anos que passaram de um valor de 30% para 22%.
- Verificaram-se diferenças significativas no consumo de tabaco nos últimos 30 dias nas raparigas de 15 anos (de 15% para 9%).

Cannabis (só adolescentes de 15 anos)

- De um modo geral, o consumo de cannabis dos adolescentes portugueses encontra-se abaixo da média comparativamente com os outros países do HBSC, estando nos 10% nos rapazes e nos 7% nas raparigas, face a uma média de 15% e de 11%, respetivamente (consumo ao longo da vida).
- De acordo com o ESE, os adolescentes portugueses apresentam valores abaixo da média dos restantes países do HBSC. O valor dos rapazes de um ESE mais baixo é de 8% face a uma média de 16%.
- Comparando 2014 com 2018, o consumo de cannabis dos adolescentes portugueses desceu em 2018.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

Sentimento pela escola

- Aos 11 anos e em 2018, as raparigas (29%) gostam mais da escola do que os rapazes (22%). Ambos os géneros se encontram abaixo da média europeia (rapazes 35%; raparigas 43%).
- O gosto pela escola (neste estudo “ gostar muito”) baixou em ambos os géneros entre 2014 e 2018. Em 2014 também as raparigas (32%) gostavam mais da escola do que os rapazes (25%). Também em 2014 ambos os géneros estavam abaixo da média europeia (rapazes 37%; raparigas 45%).
- Aos 13 anos continuam a ser as raparigas (14%) a gostar mais da escola do que os rapazes (10%).
- Ambos continuam abaixo da média europeia (rapaz 24%; raparigas 27%).
- Também aos 13 anos a percentagem dos jovens que gosta da escola baixou entre 2014 e 2018, apesar das raparigas (15%) continuarem a gostar mais da escola do que os rapazes (13%). Em 2014 os jovens portugueses também estavam abaixo da média europeia para os sentimentos pela escola (rapaz 25%; raparigas 28%).
- Para os 15 anos as diferenças entre géneros não são significativas, no entanto, a tendência dos dados mantém-se, as raparigas (11%) gostam mais da escola dos que os rapazes (8%).
- Ambos se mantêm abaixo da média europeia (rapazes 21%; raparigas 22%).
- Em 2014 observa-se que as raparigas mantiveram a percentagem (11%), enquanto os rapazes baixaram de 2014 (14%) para 2018 (8%). Nesse ano, os rapazes eram os que mais gostavam da escola. Ambos estavam abaixo da média europeia (rapazes 22%; raparigas 24%).

Sentimento pela escola e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Para as diferenças entre o ESE baixo e o ESE elevado, não se verificam diferenças significativas nem entre os rapazes, nem entre as raparigas, no entanto, observa-se a tendência para os rapazes com ESE elevado gostarem mais da escola (17%) do que os rapazes com ESE baixo (15%).

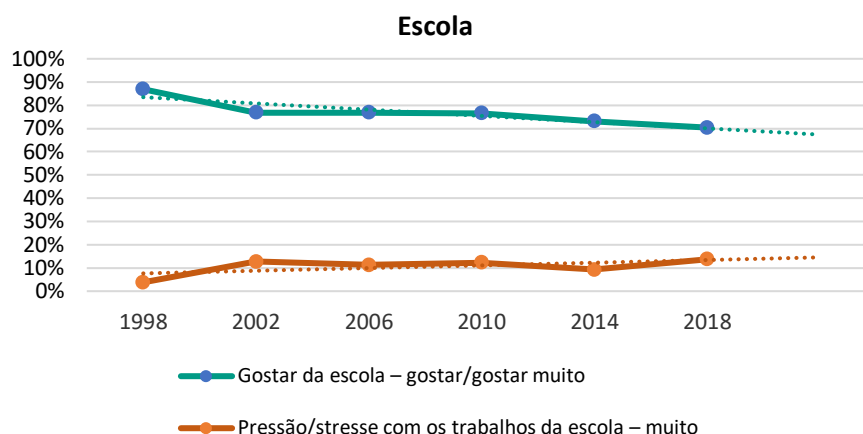
- Para as raparigas, apesar das diferenças não serem significativas, a tendência vai em sentido contrário, ou seja, as que possuem ESE mais baixo gostam mais da escola (21%) do que as que possuem ESE mais elevado (20%).
- Tanto os rapazes como as raparigas mantêm-se abaixo da média europeia (rapaz ESE baixo 28%; rapaz ESE elevado 27%; raparigas ESE baixo 31%; raparigas ESE elevado 31%).

Pressão com os trabalhos de casa

- Em 2018 as diferenças entre géneros para os 11 anos não são significativas, no entanto verifica-se a tendência para as raparigas (30%) sentirem mais pressão com os trabalhos de casa do que os rapazes (28%).
- Ambos os géneros se mantêm acima da média europeia (rapaz 26%; raparigas 25%), apesar da tendência europeia ser em sentido diferente do que em Portugal, ou seja, em média os rapazes é que tendem a sentir mais pressão com os trabalhos de casa.
- Entre 2014 e 2018 verifica-se um aumento (significativo) da pressão com os trabalhos de casa em ambos os géneros.
- Em 2014 eram as raparigas que sentiam maior pressão com os TPC (rapaz 20%; rapariga 22%). Em 2014 os rapazes estavam abaixo da média europeia (24%) e as raparigas tinham valores semelhantes à média europeia (22%).
- Aos 13 anos são as raparigas (55%; rapazes 39%) que sentem mais pressão com os trabalhos de casa.
- Ambos os géneros estão acima da média europeia (rapaz 34%; rapariga 41%).
- Entre 2014 e 2018 aumentou a pressão com os trabalhos de casa para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas sentiam mais pressão com os trabalhos de casa (41%; rapazes 28%). As raparigas estavam acima da média europeia (38%), enquanto os rapazes estavam abaixo da média europeia (33%).
- Aos 15 anos as raparigas (73%) sentem mais pressão com os trabalhos de casa do que os rapazes (49%). Ambos os géneros estão acima da média europeia (rapaz 38%; rapariga 51%).
- Entre 2014 e 2018 também aumentou a perceção de pressão com os trabalhos de casa. As raparigas (67%) sentem mais pressão com os trabalhos de casa do que os rapazes (42%). Ambos os géneros estão acima da média europeia (rapazes 39%; raparigas 51%).

Pressão com os trabalhos de casa e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Relativamente às diferenças entre o ESE baixo e o ESE elevado, as diferenças entre os rapazes não são significativas, no entanto verifica-se a tendência por parte dos rapazes com ESE baixo, de sentirem mais pressão com os trabalhos de casa (36%) do que os que têm ESE elevado (34%).
- Para as raparigas, as diferenças são significativas, sendo que as raparigas com ESE elevado têm mais pressão com os trabalhos de casa (54%) do que as que têm ESE baixo (46%).
- Ambos os géneros se encontram acima da média europeia (rapaz ESE baixo 31%; rapaz ESE elevado 34%; rapariga ESE baixo 37%; rapariga ESE elevado 41%).



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

Suporte social dos colegas de turma

- Em 2018, os rapazes dos 11 anos referem ter um suporte social dos colegas de turma mais elevado (74%) do que as raparigas (61%).
- Relativamente à média europeia, os rapazes portugueses estão acima da média (67%) enquanto as raparigas encontram-se ligeiramente abaixo da média (64%).
- Aos 13 anos continuam a ser os rapazes (67%) a reportar suporte dos colegas de turma superior às raparigas (56%).
- Ambos os géneros se encontram acima da média europeia (rapazes 61%; raparigas 53%).
- Também aos 15 anos os rapazes (70%) têm suporte dos colegas de turma mais elevado do que as raparigas (59,6%).
- Ambos os géneros se encontram acima da média europeia (rapaz 60%; rapariga 51%).

Suporte social dos colegas de turma e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- As diferenças entre os rapazes não são significativas, no entanto, verifica-se uma tendência para os rapazes com ESE elevado (73%) terem suporte dos colegas de turma mais elevado do que os rapazes com ESE baixo (70%).
- Entre as raparigas, as que possuem ESE elevado têm maior suporte dos colegas de turma (62%) do que as que têm ESE baixo (54%).
- Ambos os géneros têm valores acima da média europeia (rapazes ESE baixo 59%; rapazes ESE elevado 68%; raparigas ESE baixo 53%; raparigas ESE elevado 59%).

Suporte social dos professores

- Em 2018 e aos 11 anos as diferenças entre os géneros não são significativas, no entanto verifica-se uma tendência para as raparigas (72%) terem um suporte mais elevado dos professores do que os rapazes (71%).
- Os rapazes têm valores acima da média europeia (70%), enquanto as raparigas possuem valores inferiores à média (73%).

- Aos 13 anos os rapazes (48%) têm perceção de maior suporte dos professores do que as raparigas (41%).
- Ambos os géneros se encontram abaixo da média europeia (rapazes 54%; raparigas 50%).
- Aos 15 anos, os rapazes (47%) têm perceção de maior suporte dos professores do que as raparigas (38%).
- Ambos possuem valores abaixo da média europeia (rapazes 48%; raparigas 41%).

Suporte social dos professores e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- As diferenças entre os rapazes com ESE baixo e ESE elevado para o suporte dos professores não são significativas, no entanto verifica-se uma tendência para os rapazes com ESE baixo (58%) terem perceção de suporte dos professores mais elevado do que os rapazes com ESE elevado (55%).
- A mesma tendência é visível nas raparigas (raparigas ESE baixo 53%; raparigas ESE elevado 51%).
- Relativamente à média europeia, os rapazes de ESE baixo têm valores iguais à média (58%) e os de ESE elevado ligeiramente inferiores (57%).
- Nas raparigas ambos os valores estão abaixo da média europeia (raparigas ESE baixo 56%; raparigas ESE elevado 54%).

Saúde e bem-estar

Perceção de Saúde

- Em 2018 e aos 11 anos não há diferenças significativas entre géneros, mas os rapazes têm tendência para melhor perceção de saúde (rapazes 38%; raparigas 36%).
- Ambos os géneros mantêm perceção de saúde abaixo da média do HBSC (rapazes 45%; raparigas 41%).
- A perceção de saúde baixou de 2014 para 2018, entre os jovens de 11 anos. Em 2014 os rapazes (50%) tinham melhor perceção de saúde do que as raparigas (41%). Neste ano os jovens de 11 anos tinham percentagens acima da média europeia (rapazes 45%; raparigas 40%).
- A média Europeia aos 11 anos manteve-se de 2014 para 2018 entre géneros e no geral.
- Aos 13 anos as diferenças entre géneros são significativas. Os rapazes (41%) têm melhor perceção de saúde do que as raparigas (28%). Para a média europeia, os rapazes mantiveram-se dentro da média (41%), no entanto as raparigas estão abaixo da média (32%).
- Apesar das diferenças entre géneros para 2014 e 2018 não serem significativas, observa-se que em 2014 os rapazes tinham melhor perceção de saúde (45%), enquanto as raparigas tiveram uma ligeira subida de 2014 (27%) para 2018 (28%). Em 2014 os rapazes tinham melhor perceção de saúde do que a média europeia (41%) enquanto as raparigas estavam abaixo da média europeia (30%).
- Também aos 15 anos as diferenças entre géneros são significativas, com os rapazes (40%) com melhor perceção de saúde do que as raparigas (23%). Neste ano, os rapazes estão acima da média europeia (39%), enquanto as raparigas encontram-se abaixo (25%).
- Em 2014 também os rapazes (45%) tinham melhor perceção de saúde do que as raparigas (23%). No entanto, os rapazes baixaram em 2018, enquanto as raparigas mantiveram a percentagem. No que se refere

à média europeia entre géneros, os rapazes estão acima da média (38%), enquanto as raparigas estão dentro da média europeia (23%).

Perceção de Saúde e nível socioeconómico (ESE/FAS)

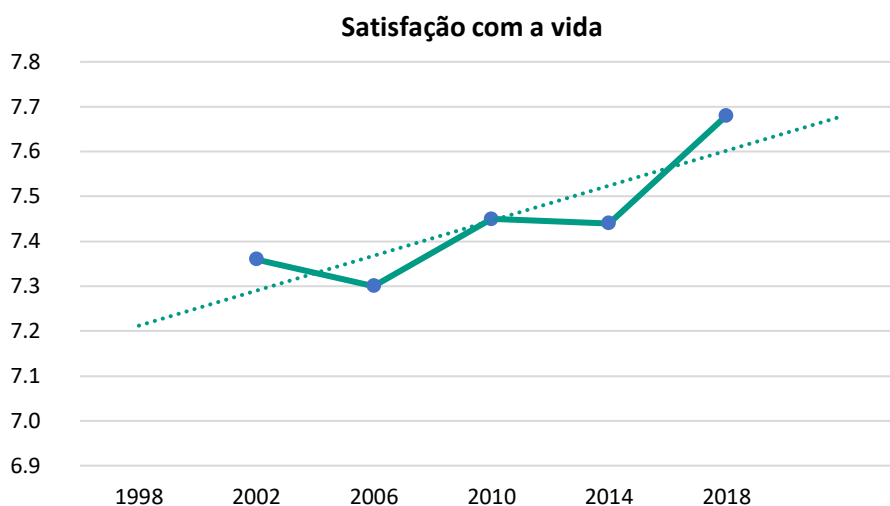
- Os rapazes com índice de ESE superior têm melhor perceção de saúde (49%) do que os que possuem menor índice de ESE (37%).
- A mesma tendência se verifica para as raparigas (39% - 25%).
- Relativamente à média europeia, os rapazes mantêm-se ligeiramente acima para o menor índice de ESE (36%), assim como para o mais elevado (48%), enquanto as raparigas estão abaixo da média para o ESE inferior (28%) e dentro da média europeia para o mais elevado (39%).
- Em relação ao ESE e perceção de saúde excelente, verificamos que os adolescentes com ESE elevado apresentam mais frequentemente uma perceção de saúde excelente quando comparados com os alunos com ESE baixo.
- Essa mesma tendência verifica-se para ambos os géneros, embora os rapazes apresentem uma perceção de saúde excelente mais frequentemente que as raparigas, e nos dados médios dos países do estudo do HBSC.
- Em 2018 referem ter uma perceção de saúde excelente 37% dos rapazes com ESE baixo e 49% dos rapazes com ESE elevado, e 25% das raparigas com ESE baixo e 39% das raparigas com ESE elevado.

Satisfação com a vida

- Em 2018 aos 11 anos, as diferenças entre géneros aos 11 anos não são estatisticamente significativas (rapazes 8,2; raparigas 8,3). Ambos possuem valores dentro da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 8,3; raparigas 8,2).
- Entre 2014 e 2018, a média de satisfação com a vida aumentou ligeiramente em ambos os géneros. Em 2014 ambos os géneros possuíam média de satisfação com a vida idêntica (rapazes 8,0; raparigas 8,0). Os valores da média entre géneros estavam ligeiramente abaixo da média europeia do HBSC (rapazes 8,1; raparigas 8,1).
- Aos 13 anos os rapazes (7,8) têm média de satisfação com a vida superior às raparigas (7,5). Ambos possuem valores ligeiramente abaixo da média europeia do HBSC (rapazes 7,9; raparigas 7,6).
- Entre 2014 e 2018 a média de satisfação com a vida aumentou entre os géneros. Os rapazes (7,6) possuíam média de satisfação com a vida superior às raparigas (7,2). Os valores estavam abaixo da média europeia do HBSC (rapazes 7,8; raparigas 7,4).
- Aos 15 anos os rapazes (7,5) possuem média de satisfação com a vida superior às raparigas (7,2). Os valores encontram-se dentro da média europeia (rapazes 7,6; raparigas 7,2).
- A média de satisfação com a vida aumentou entre 2014 e 2018 para ambos os géneros. Também em 2014 eram os rapazes (7,2) que possuíam média de satisfação com a vida superior às raparigas (6,8). Os valores estavam abaixo da média europeia do HBSC para ambos os géneros (rapazes 7,5; raparigas 7,0).

Satisfação com a vida e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Os rapazes com ESE elevado têm média de satisfação com a vida superior (8,3) aos rapazes com ESE baixo (7,6). A mesma tendência se verifica para as raparigas (7,9 – 7,4). Relativamente à média europeia, os valores para ambos os géneros encontram-se dentro da média (rapazes com ESE baixo 7,5; rapazes com ESE elevado 8,2; raparigas com ESE baixo 7,3; raparigas com ESE elevado 8,0).



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

Dois ou mais sintomas físicos ou psicológicos

- Em 2018 aos 11 anos, as raparigas (27%) têm sintomas mais frequentemente do que os rapazes (21%). Ambos possuem valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 27%; raparigas 33%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (21%) possuíam sintomas mais frequentemente do que os rapazes (12%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 24%; raparigas 30%).
- Também aos 13 anos, as raparigas (41%) têm sintomas mais frequentemente do que os rapazes (23%). Ambos possuem valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 28%; raparigas 43%).
- Entre 2014 e 2018 verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (31%) possuíam sintomas mais frequentemente do que os rapazes (15%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 25%; raparigas 41%).
- Aos 15 anos, as raparigas (54%) têm sintomas mais frequentemente do que os rapazes (25%). Os rapazes possuem valores abaixo da média europeia do HBSC (30%), enquanto as raparigas apresentam valores acima da média (52%).
- Entre 2014 e 2018 verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (41%) possuíam sintomas mais frequentemente do que os rapazes (16%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 27%; raparigas 50%).

Mais de dois sintomas e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Os rapazes com ESE baixo têm sintomas mais frequentemente (27%) do que os rapazes com ESE elevado (18%). A mesma tendência se verifica para as raparigas (41% – 37%). Relativamente à média europeia, os valores para ambos os géneros encontram-se abaixo da média (rapazes com ESE baixo 31%; rapazes com ESE elevado 26%; raparigas com ESE baixo 46%; raparigas com ESE elevado 41%).

Dores de cabeça

- Em 2018 e aos 11 anos, as raparigas (10%) têm mais frequentemente dores de cabeça do que os rapazes (6%). Ambos possuem valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 11%; raparigas 15%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se uma ligeira diminuição na percentagem dos sintomas de dores de cabeça para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (13%) possuíam mais frequentemente dores de cabeça do que os rapazes (7%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 12%; raparigas 16%).
- Também aos 13 anos, as raparigas (18%) têm mais frequentemente dores de cabeça do que os rapazes (6%). Ambos possuem valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 11%; raparigas 20%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se uma ligeira diminuição na percentagem dos sintomas de dores de cabeça para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (19%) possuíam mais frequentemente dores de cabeça do que os rapazes (10%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 12%; raparigas 22%).
- Aos 15 anos, as raparigas (25%) têm mais frequentemente dores de cabeça do que os rapazes (8%). Ambos possuem valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 12%; raparigas 27%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se uma ligeira diminuição na percentagem dos sintomas de dores de cabeça para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (26%) possuíam mais frequentemente dores de cabeça do que os rapazes (9%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 12%; raparigas 29%).

Dores de cabeça e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Os rapazes com ESE baixo têm dores de cabeça mais frequentemente (10%) do que os rapazes com ESE elevado (4%). A mesma tendência se verifica para as raparigas, no entanto as diferenças para as raparigas não são estatisticamente significativas (18% – 15%). Relativamente à média europeia, os valores para ambos os géneros encontram-se abaixo da média (rapazes com ESE baixo 13%; rapazes com ESE elevado 11%; raparigas com ESE baixo 22%; raparigas com ESE elevado 19%).

Dores de estômago

- Aos 11 anos, em 2018 as raparigas têm mais frequentemente dores de estômago (5%) do que os rapazes (3%). Ambos possuem valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 9%; raparigas 12%).

- Entre 2014 e 2018, os valores mantêm-se. Em 2014 as raparigas (7%) possuíam mais frequentemente dores de estômago do que os rapazes (3%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 8%; raparigas 13%).
- Aos 13 anos, as raparigas (6%) têm mais frequentemente dores de estômago do que os rapazes (3%). Ambos possuem valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 7%; raparigas 12%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se uma ligeira diminuição na percentagem dos sintomas de dores de estômago para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (9%) possuíam mais frequentemente dores de estômago do que os rapazes (5%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 7%; raparigas 14%).
- Aos 15 anos as raparigas (7%) têm mais frequentemente dores de estômago do que os rapazes (4%). Ambos possuem valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 7%; raparigas 14%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se uma ligeira diminuição na percentagem dos sintomas de dores de estômago para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (9%) possuíam mais frequentemente dores de estômago do que os rapazes (5%). Ambos possuíam valores abaixo da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 6%; raparigas 15%)

Dores de estômago e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Os rapazes com ESE baixo têm dores de estômago mais frequentemente (5%) do que os rapazes com ESE elevado (2%). A mesma tendência se verifica para as raparigas, no entanto as diferenças para as raparigas não são estatisticamente significativas (7% – 5%). Relativamente à média europeia, os valores para ambos os géneros encontram-se abaixo da média (rapazes com ESE baixo 9%; rapazes com ESE elevado 7%; raparigas com ESE baixo 14%; raparigas com ESE elevado 12%).

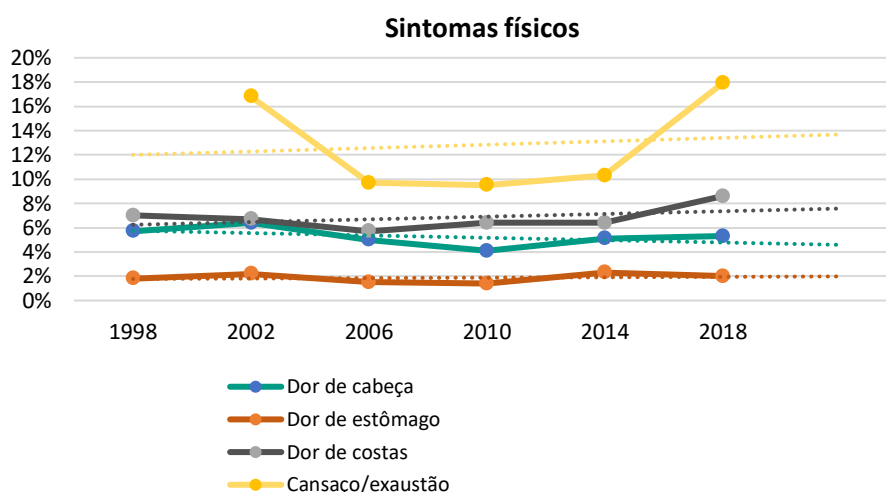
Dores de costas

- Aos 11 anos em 2018, as raparigas (14%) têm mais frequentemente dores de costas do que os rapazes (8%). Relativamente à média europeia do HBSC entre os géneros, os rapazes apresentam valores ligeiramente abaixo (9%), enquanto as raparigas apresentam valores acima da média (11%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um ligeiro aumento na percentagem dos sintomas de dores de costas para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (13%) possuíam mais frequentemente dores de costas do que os rapazes (6%). Relativamente à média europeia do HBSC, as raparigas possuíam valores acima da média (10%), enquanto os rapazes possuíam valores abaixo (8%).
- Aos 13 anos, as raparigas (21%) têm mais frequentemente dores de costas do que os rapazes (12%). Ambos possuem valores acima da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 10%; raparigas 14%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento da percentagem dos sintomas de dores de costas para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (16%) possuíam mais frequentemente dores de costas do que os rapazes (9%). Ambos possuíam valores dentro da média europeia do HBSC entre os géneros (rapazes 10%; raparigas 15%).

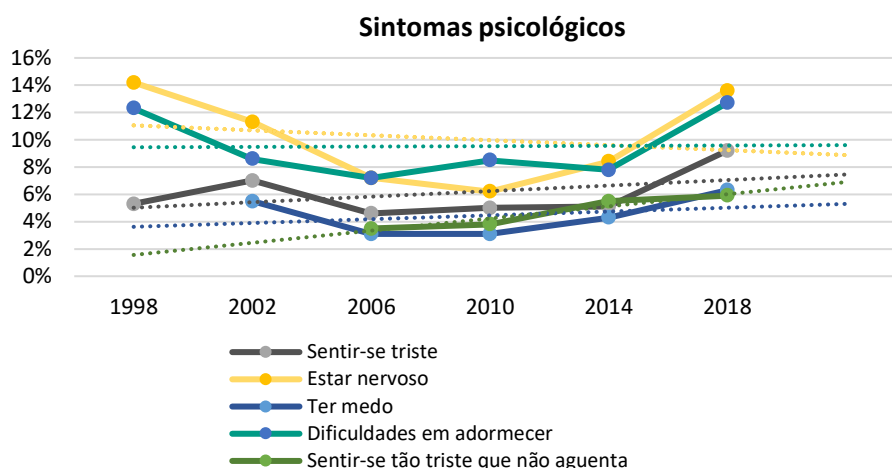
- Aos 15 anos, as raparigas (28%) têm mais frequentemente dores de costas do que os rapazes (13%). Relativamente à média europeia, os rapazes têm valores semelhantes à média (13%), enquanto as raparigas têm valores superiores à média (19%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um ligeiro aumento na percentagem dos sintomas de dores de costas para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (21%) possuíam mais frequentemente dores de costas do que os rapazes (11%). Relativamente à média europeia, os rapazes possuíam valores abaixo da média (13%), enquanto os valores das raparigas estavam ligeiramente acima da média (20%).

Dores de costas e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Os rapazes com ESE baixo têm dores de costas mais frequentemente (13%) do que os rapazes com ESE elevado (8%). As diferenças entre ESE baixo e ESE elevado para as raparigas não são estatisticamente significativas, no entanto verifica-se a tendência para as raparigas com ESE elevado (21%) terem mais frequentemente dores de costas do que as raparigas com ESE baixo (20%). Relativamente à média europeia, os rapazes com ESE baixo possuem valores ligeiramente acima da média (12%), enquanto os rapazes com ESE elevado possuem valores abaixo da média (10%). Para as raparigas os valores estão acima da média europeia (raparigas com ESE baixo 15%; raparigas com ESE elevado 14%).



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.



Fonte: Dados relativos ao estudo HBSC 2018 em Portugal (Matos & Equipa Aventura Social, 2018). Os indicadores utilizados nem sempre coincidem com os do HBSC internacional.

Tristeza

- Aos 11 anos, em 2018, as raparigas (14%) sentem-se mais frequentemente tristes do que os rapazes (11%). Ambos os géneros têm valores abaixo da média europeia (rapazes 12%; raparigas 16%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de tristeza para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (8%) sentiam-se tristes mais frequentemente do que os rapazes (5%).
- Aos 13 anos as raparigas (26%) sentem-se mais frequentemente tristes do que os rapazes (11%). Os rapazes possuem valores abaixo da média europeia (13%), enquanto as raparigas possuem valores acima da média (24%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de tristeza para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (15%) sentiam-se tristes mais frequentemente do que os rapazes (7%).
- Aos 15 anos as raparigas (28%) sentem-se tristes mais frequentemente do que os rapazes (16%). Ambos os géneros possuem valores abaixo da média europeia (rapazes 15%; raparigas 31%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de tristeza para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (22%) sentiam-se tristes mais frequentemente do que os rapazes (8%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 13%; raparigas 30%).

Tristeza e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- Os rapazes com ESE baixo sentem-se tristes (15%) mais frequentemente do que os rapazes com ESE elevado (10%). As diferenças entre ESE baixo e ESE elevado para as raparigas não são estatisticamente significativas, no entanto verifica-se a tendência para as raparigas com ESE baixo (26%) se sentirem mais tristes mais frequentemente do que as raparigas com ESE elevado (21%). Relativamente à média europeia, os rapazes com ESE baixo e ESE elevado possuem valores ligeiramente abaixo da média (rapazes com ESE baixo 16%; rapazes com ESE elevado 12%), o mesmo verifica-se para as raparigas (raparigas com ESE baixo 27%; raparigas com ESE elevado 22%).

Irritação

- Aos 11 anos, em 2018, as diferenças entre géneros não são significativas. Verifica-se uma tendência para que as raparigas (18%) se sintam mais frequentemente irritadas do que os rapazes (15%). Ambos os géneros têm valores abaixo da média europeia (rapazes 17%; raparigas 20%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de irritação para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (11%) sentiam-se irritadas mais frequentemente do que os rapazes (8%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 15%; raparigas 18%).
- Aos 13 anos as raparigas (32%) sentem-se mais frequentemente irritadas do que os rapazes (18%). Os rapazes possuem valores abaixo da média europeia (20%), enquanto as raparigas possuem valores ligeiramente acima da média (31%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de irritação para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (18%) sentiam-se irritadas mais frequentemente do que os rapazes (9%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 17%; raparigas 28%).
- Aos 15 anos as raparigas (40%) sentem-se irritadas mais frequentemente do que os rapazes (18%). Os rapazes possuem valores abaixo da média europeia (22%), enquanto as raparigas possuem valores ligeiramente acima da média (38%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de irritação para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (28%) sentiam-se irritadas mais frequentemente do que os rapazes (10%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 19%; raparigas 35%).

Irritação e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- As diferenças entre os rapazes com ESE baixo e ESE elevado não são significativas, assim como as diferenças entre as raparigas. Entre os rapazes a tendência observada é que os rapazes com ESE baixo têm mais frequentemente sentimentos de irritação (20%), do que os rapazes com ESE elevado (16%). Foi encontrada uma tendência contrária para as raparigas (raparigas com ESE baixo 30%; raparigas com ESE elevado 31%). Relativamente à média europeia, os rapazes com ESE baixo e ESE elevado possuem valores abaixo da média (rapazes com ESE baixo 22%; rapazes com ESE elevado 19%), para as raparigas verifica-se que as raparigas com ESE baixo têm valores abaixo da média (32%), enquanto as raparigas com ESE elevado apresentam valores acima da média (28%).

Nervosismo

- Aos 11 anos as diferenças entre géneros não são significativas. Verifica-se uma tendência para que as raparigas (17%) se sintam mais frequentemente nervosas do que os rapazes (16%). Ambos os géneros têm valores abaixo da média europeia (rapazes 18%; raparigas 21%).

- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de nervosismo para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (16%) sentiam-se nervosas mais frequentemente do que os rapazes (9%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 15%; raparigas 18%).
- Aos 13 anos em 2018, as raparigas (32%) sentem-se mais frequentemente nervosas do que os rapazes (19%). Os rapazes possuem valores abaixo da média europeia (20%), enquanto as raparigas possuem valores ligeiramente acima da média (30%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de nervosismo para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (23%) sentiam-se nervosas mais frequentemente do que os rapazes (12%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 16%; raparigas 28%).
- Aos 15 anos as raparigas (47%) sentem-se nervosas mais frequentemente do que os rapazes (21%). Os rapazes possuem valores ligeiramente abaixo da média europeia (22%), enquanto as raparigas possuem valores acima da média (37%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem dos sintomas de nervosismo para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (37%) sentiam-se nervosas mais frequentemente do que os rapazes (14%). Relativamente à média europeia HBSC, os rapazes apresentavam valores abaixo da média (18%), enquanto as raparigas apresentavam valores acima da média (34%).

Nervosismo e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- As diferenças entre os rapazes com ESE baixo e ESE elevado não são significativas, assim como as diferenças entre as raparigas. Entre os rapazes a tendência observada é que os rapazes com ESE baixo têm mais frequentemente sentimentos de nervosismo (21%), do que os rapazes com ESE elevado (17%). Foi encontrada uma tendência contrária para as raparigas (raparigas com ESE baixo 28%; raparigas com ESE elevado 31%). Relativamente à média europeia, os rapazes com ESE baixo e ESE elevado possuem valores abaixo da média (rapazes com ESE baixo 22%; rapazes com ESE elevado 19%), para as raparigas verifica-se que as raparigas com ESE baixo têm valores abaixo da média (31%), enquanto as raparigas com ESE elevado apresentam valores acima da média (28%).

Dificuldade em adormecer

- Aos 11 anos em 2018, as raparigas (20%) têm mais dificuldades em adormecer do que os rapazes (14%). Ambos os géneros possuem valores abaixo da média europeia (rapazes 21%; raparigas 24%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem da dificuldade em adormecer em ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (13%) tinham mais dificuldades em adormecer do que os rapazes (8%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 18%; raparigas 20%).
- Aos 13 anos as raparigas (24%) têm mais dificuldades em adormecer do que os rapazes (15%). Ambos os géneros possuem valores abaixo da média europeia (rapazes 19%; raparigas 27%).

- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem da dificuldade em adormecer. Em 2014 as raparigas (17%) tinham mais dificuldade em adormecer do que os rapazes (11%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 17%; raparigas 25%).
- Aos 15 anos as raparigas (30%) têm mais dificuldades em adormecer do que os rapazes (17%). Os rapazes possuem valores ligeiramente abaixo da média europeia (20%), enquanto as raparigas possuem valores ligeiramente acima da média (29%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se um aumento na percentagem de dificuldades em adormecer para ambos os géneros. Em 2014 as raparigas (25%) tinham mais dificuldades em adormecer do que os rapazes (11%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 18%; raparigas 28%).

Dificuldade em adormecer e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- As diferenças entre os rapazes com ESE baixo e ESE elevado não são significativas. Entre os rapazes a tendência observada é que os rapazes com ESE baixo têm mais dificuldades em adormecer (16%) do que os rapazes com ESE elevado (13%). Entre as raparigas, as raparigas com ESE baixo (28%) têm mais dificuldade em adormecer do que as raparigas com ESE elevado (22%). Relativamente à média europeia, os rapazes com ESE baixo e ESE elevado possuem valores abaixo da média (rapazes com ESE baixo 22%; rapazes com ESE elevado 19%), para as raparigas verifica-se que as raparigas com ESE baixo têm valores semelhantes à média (28%), enquanto as raparigas com ESE elevado apresentam valores abaixo da média (26%).

Tonturas

- Aos 11 nos em 2018, as diferenças entre géneros não são significativas. Rapazes (5%) e raparigas (5%) revelam percentagem de sentimentos de tonturas semelhantes. Ambos os géneros possuem valores abaixo da média europeia (rapazes 7%; raparigas 9%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se que os valores se mantiveram semelhantes. Em 2014 as raparigas (5%) sentiam tonturas mais frequentemente do que os rapazes (4%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 7%; raparigas 9%).
- Aos 13 anos as raparigas (10%) sentem tonturas mais frequentemente do que os rapazes (5%). Ambos os géneros possuem valores abaixo da média europeia (rapazes 8%; raparigas 13%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se que os valores se mantiveram semelhantes. Em 2014 as raparigas (8%) sentiam-se com tonturas mais frequentemente do que os rapazes (6%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 8%; raparigas 13%).
- Aos 15 anos as raparigas (13%) sentem tonturas mais frequentemente do que os rapazes (5%). Ambos os géneros possuem valores abaixo da média europeia (rapazes 9%; raparigas 16%).
- Entre 2014 e 2018, verifica-se que os valores se mantiveram semelhantes. Em 2014 as raparigas (11%) sentiam-se com tonturas mais frequentemente do que os rapazes (5%). Relativamente à média europeia do HBSC, ambos os géneros possuíam valores abaixo da média (rapazes 8%; raparigas 16%).

Tonturas e nível socioeconómico (ESE/FAS)

- As diferenças entre as raparigas com ESE baixo e ESE elevado não são significativas. Os rapazes com ESE baixo têm tonturas mais frequentemente (7%) do que os rapazes com ESE elevado (2%). Entre as raparigas, a tendência é a mesma (raparigas com ESE baixo 11%; raparigas com ESE elevado 9%). Relativamente à média europeia, os rapazes com ESE baixo e ESE elevado possuem valores abaixo da média (rapazes com ESE baixo 9%; rapazes com ESE elevado 8%), o mesmo verificado para as raparigas (raparigas com ESE baixo 14%; raparigas com ESE elevado 13%).

Referências:

- Inchley, J., Currie, D., Budisavljevic, S., Torsheim, T., Jåstad A, Cosma, A., Kelly, C., & Már, A. (2020). Spotlight on adolescent health and well-being. Findings from the 2017/2018 Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) survey in Europe and Canada. International report. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe.
- Matos, M.G. & Equipa Aventura Social (2018). *A saúde dos adolescentes portugueses após a recessão. Relatório do estudo Health Behaviour in School Aged Children (HBSC) em 2018* (ebook). Disponível em: www.aventurasocial.com
- Roberts, C., Freeman, J., Samdal, O., Schnohr C., Looze, M., Nic Gabhainn S., Iannotti, I., Rasmussen M., & Matos, M.G. in the International HBSC study group (2009). The Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study: methodological developments and current tensions. *International Journal of Public Health*, 54(2), 140-150.

Ficha técnica HBSC/PT 2018:

O estudo HBSC em Portugal é levado a cabo pela equipa Aventura Social na Faculdade de Motricidade Humana desde 1996 com a colaboração de diversas Instituições nacionais e tradicionalmente com o apoio do Ministério da Educação e Ministério da Saúde:

- **Coordenador do estudo HBSC em Portugal:** Margarida Gaspar de Matos
- **Investigadores sénior (2020):** Celeste Simões; Gina Tomé; Marta Reis; Carlos Ferreira; Lúcia Ramiro; Adilson Marques. Fábio Botelho Guedes; Cátia Branquinho; Susana Gaspar; Ana Cerqueira
- **Colaboradores sénior (2020):** Tania Gaspar; Inês Camacho; Nuno Loureiro; Marina Carvalho

Ficha técnica HBSC Internacional 2018:

Rede do estudo HBSC:

- **Coordenador Internacional:** Jo Inchley
- **Vice-Coodenador Internacional:** Dorothy Currie
- **Gestor de dados:** Oddrun Samdal
- **Investigadores principais nos 45 países:** Albânia (Gentia Qirjako), Alemanha (Matthias Richter), Arménia (Sergey G. Sargsyan & Marina Melkumova), Áustria (Rosemarie Felder-Puig), Azerbaijão (Gahraman Hagverdiyev), Bélgica - Região Flamengo (Maxim Dierckens), Bélgica - Francês (Katia Castetbon), Bulgária (Lidiya Vasileva), Canadá (William Pickett & Wendy Craig), Croácia (Ivana Pavic Simetin), Cazaquistão (Shynar Abdrakhmanova), Dinamarca (Mette Rasmussen), Eslováquia (Andrea Madarasová Gecková), Eslovénia (Helena Jericek Klanscek), Espanha (Carmen Moreno Rodriguez), Estónia (Leila Oja), Finlândia (Jorma Tynjälä), França (Emmanuelle Godeau), Grécia (Anna Kokkevi), Gronelândia (Birgit Niclasen), Holanda (Gonneke Stevens), Hungria (Ágnes Németh), Islândia (Ársaell Már Arnarsson), Irlanda (Saoirse Nic Gabhainn), Israel (Yossi Harel-Fisch), Itália (Alessio Vieno), Letónia (Iveta Pudule), Lituânia (Kastytis Smigelskas), Luxemburgo (Helmut Willems & Bechara Ziade), Macedónia do Norte (Lina Kjostarova Unkovska), Malta (Charmaine Gauci), Noruega (Oddrun Samdal), Polónia (Joanna Mazur & Agnieszka Malkowska-Szkutnik), Portugal (Margarida Gaspar de Matos), República Checa (Michal Kalman), República da Moldávia (Galina Lesco), Roménia (Adriana Baban), Rússia (Anna Matochkina), Sérvia (Jelena Gudelj Rakic), Suécia (Petra Lofstedt), Suíça (Marina Delgrande Jorden & Hervé Kuendig), Turquia (Oya Ercan), Reino Unido - Inglaterra (Fiona Brooks & Ellen Klemra), Reino Unido - Escócia (Jo Inchley), Reino Unido - País de Gales (Chris Roberts), Ucrânia (Olga Balakireva).

